

Uma explosão de cores no início do século XX: o Fauvismo

Rejane Martins de Oliveira Nogueira¹

Resumo

O Fauvismo é a primeira vanguarda artística do século XX. A intenção do grupo era praticamente não ter vínculo com a tradição acadêmica francesa. É certo que movimentos artísticos do final do século XIX já vinham se empenhando nesta tarefa, mas sem muita novidade. Usavam as cores puras a fim de demonstrar a expressão emotiva transmitida pela natureza. É necessária a pesquisa do contexto temporal do surgimento do Fauvismo, ocorrido em Paris no início do século XX, e como isso influenciou as Artes em geral. O método interpretativo se mostrou mais adequado, com uso de fontes predominantemente escritas. Foram usadas várias fontes bibliográficas a fim de comprovar os fatos reais. As conclusões são basicamente as seguintes: que os fauves não foram um grupo de revoltosos com a arte, eles buscavam saídas para a monotonia em que a arte francesa se encontrava em relação ao novo ambiente de modernidade; expressaram o progresso parisiense em forma de arte, a sensação que havia uma conformidade com a industrialização e as transformações gerais que esta acarretaria. Conclui-se que a Arte acompanha os acontecimentos da sociedade. No caso do Fauvismo, mesmo que seus membros não tivessem esta intenção, contribuíram muito para a representação do que se passava naquela época tão “explosiva” de acontecimentos, mas também para a arte que se estende até os dias atuais.

Palavras-chave: Arte. Cor. História.

¹. Pontifícia Universidade Católica de Goiás, professora do curso de Design. Especialista em História Cultural, UFG. alcireja@gmail.com

Abstract

The Fauvism is the first artistic avant-garde of the twentieth century. The group's intention was barely have a relationship with the French academic tradition. Admittedly artistic movements of the late nineteenth century were already striving in this task, but without much novelty. They used pure colors to show the emotional expression conveyed by nature. It is necessary to investigate the temporal context of the rise of Fauvism, held in Paris in the early twentieth century, and how it influenced the arts in general. The interpretative method was more appropriate, using predominantly written sources. Various literature sources were used to prove the real facts. The conclusions are basically the following: the Fauves were not a group of rebels with art, they sought ways out of the monotony in which French art was in relation to the new environment of modernity, progress expressed in Parisian art form the feeling that there was compliance with industrialization and general changes that this entails. We conclude that art follows the events of society. In the case of Fauvism, even if its members did not have this intention, greatly contributed to the representation of what was happening at the time as "explosive" events, but also for art that extends to the present day.

Keywords: Art. Color. History.

1. Introdução

A intenção de escrever um trabalho sobre a arte Fauvista se deve ao fato da observação em diversas fontes a ausência de informações que levassem a uma justificativa para o surgimento do movimento. Concordando com alguns autores que o citam como o movimento “revolucionário” da Arte Moderna, surgiu a ideia da complementação da pesquisa sobre o grupo. Pelo fato de haver informações basicamente estéticas, o estudo do contexto histórico do ambiente para o seu surgimento fez-se necessário. Assim tomou-se por base a história de Paris, cidade onde o grupo se desenvolveu. Mas o objetivo neste trabalho foi a “construção” da história de seu surgimento como grupo em 1905.

2. Metodologia

O método interpretativo se mostrou ser o mais adequado para o desenvolvimento deste texto. Isso porque os dados que se tem sobre os fauves são, de certa forma, insuficientes. A maioria das obras são antigas, exceto aquelas que foram baseadas em novas descobertas sobre o movimento. Por muito tempo grupo não teve nome, e o primeiro a escrever sobre o movimento foi Henri Matisse, fazendo-o somente em 1908. Anos depois o Sr. Louis Vauxcelles, o crítico que os maldisse em público, foi quem denominou o movimento de Fauvismo, considerando-o importante para a arte. Como muitos críticos da área consideravam o estilo sem importância, pouco se escreveu sobre o mesmo no século XX.

A quantidade de fontes pesquisadas se deve à busca do máximo de informações, já que algumas chegam a ser contraditórias. Para ter certeza de levar dados corretos a público é que foram priorizados dados de críticos conhecidos como Argan, Gombrich, Bazin, Janson, Read e outros. Comparações foram evitadas, mas as fontes de estudo foram pesquisadas de modo a se ter os dados mais corretos possíveis acerca dos fauves. Como Henri Matisse foi considerado o líder do grupo e o primeiro formular as suas intenções por escrito a sua obra será vista com mais destaque.

Certa vez ele comentou: “O Fauvismo não é tudo, é apenas o começo de tudo” (SILVA, Disponível em: <<http://historiartelaine.blogspot.com.br/2011/09/fauvismo.html>> Acesso em: 24 mar. 2013). O significado desta frase está na importância do movimento para os séculos seguintes, pois este marcou o rompimento com a tradição acadêmica na arte. Esta ruptura inaugurou uma revolução estética, na qual a cor não estaria mais limitada pelo desenho, mas passaria a ser uma representante da emoção e do sentimento do artista. Ao estudarmos a história da arte na questão da cor e da forma, veremos que a pintura pode ser classificada, pelas suas características, em antes e depois do Fauvismo.

3. Características da pintura fauve

Observamos que antes das suas obras as cores eram aplicadas da forma como pareciam na natureza: a grama era verde, a árvore tinha o caule marrom e as folhas verdes, a pele dos modelos eram representados em tons rosados ou amarronzados, o céu era azul e as nuvens brancas ou cinzentas, etc. Os fauves proporcionaram uma revolução no nosso modo de ver a arte e as coisas à nossa volta. Isso porque gerou uma liberdade antes nunca vista para a capacidade que as cores tinham de expressar sentimentos e equilíbrio na tela, não mais só

através da forma dos elementos retratados. A cor criou a explosão da Arte Moderna e a sua influência podemos sentir até hoje.

Essa explosão, ou seja, as características “revolucionárias” criadas pelo Fauvismo na arte mundial justifica o título desta monografia. No Salão de Outono de 1905 o crítico Camille Mouclair, do jornal “Le Figaro”, disse: “Parece que jogaram um pote de tinta no rosto do público!” (MULLER, 1976, p. 10), o que demonstra notória a experiência do grupo com a cor, mesmo que o comentário tenha sido feito de forma crítica. Além disso foi o movimento inaugural das vanguardas artísticas do século XX e talvez isso gerou um certo furor observado pelos comentários feitos, originados da estranheza causada em alguns expectadores.

A experiência que os fauves tiveram com a cor vibrante não pode ser chamada de original. A cor já havia sido muito explorada na arte primitiva e medieval, e era uma constante nas artes indígenas e tribais. Naquela época, o seu uso tinha o objetivo de melhor representar do tema, com liberdade, sem estar presa a teorias pré-definidas. A revolução relacionada ao Fauvismo está na sua aplicação sem se preocupar com a limitação dos espaços de cor e na busca do equilíbrio estético, independente da figuratividade como os acadêmicos buscavam.

As características básicas da pintura fauvista são:

- a) a aplicação aleatória de cores puras e vivas com pinceladas irregulares e justapostas sobre planos lisos;
- b) não há preocupação em se copiar os elementos da natureza, pois as formas são representadas de forma simplificada;
- c) o improviso do desenho ou a “distorção” que marcava a ruptura com a rigorosa anatomia das formas retratadas, resultando em um acabamento espontâneo;
- d) a valorização da emoção do artista como autor de um trabalho, mostrando que o interesse não era mais com o tema desejado pelo destinatário da obra, mas sim com a expressão emitida pela natureza;
- e) a figura se apresenta em perspectiva exagerada. O objetivo é focar a expressividade, não os aspectos que dão a ideia de espaço, como a perspectiva e a narrativa do quadro;
- f) a personalidade do artista era valorizada mesmo entre os membros. Apesar de trabalharem juntos, eles tinham características próprias em relação ao estilo. Supõe-se que esta foi uma das causas da breve dissolução do grupo em 1907.

Essas características são visíveis, mesmo que de forma menos radical, nos trabalhos de Van Gogh, Gauguin e Cézanne (apesar deste se expressar com cores menos vibrantes). Sabe-se através disso e também de relatos feitos por alguns artistas fauvistas sobre a sua obra, que estes grandes mestres da pintura pós-impressionista influenciaram o grupo Expressionista Francês (O Expressionismo Francês é um outro nome dado aos fauvistas. Isso porque os Expressionistas Alemães inauguraram seus trabalhos quase que paralelamente ao grupo de Paris em 1905, e sabe-se que de certa forma os fauves influenciaram a arte alemã neste período). A expressão era uma demonstração do ser humano como ser pensante, atento às transformações de sua época.

4. Contexto histórico e social

Naquele tempo o capitalismo estava em avanço e pairava no ar uma grande expectativa quanto ao futuro. As mudanças, principalmente no ambiente urbano, eram rápidas e visíveis e o clima de conformidade e adaptação à nova realidade física da cidade gerou um período de paz na Europa, especialmente na última década do século XIX. Apesar de Matisse afirmar que “buscava a paz e a serenidade” (CHIPP. 1999, p. 131), as telas do grupo causaram grande espanto naquele tempo devido ao período de expectativa na sociedade que se iniciou com a Segunda Revolução Industrial na Europa. O progresso gerado pelo avanço de diversas áreas (tecnológica, científica, filosófica, etc.) criou um clima positivo, mas também de incerteza quanto ao futuro.

A esse respeito, Fischer declara que “(...) toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular” (FISCHER. 1987, p. 17). “A arte une os indivíduos e os integra à realidade; é ela que socializa o homem e o auxilia a interagir com o meio” (FISCHER. 1987, p. 13). Argan comenta que:

[...] a arte é justamente a realidade que se cria a partir do encontro do homem com o mundo, demonstra a absoluta necessidade da arte em qualquer contexto social, antigo ou moderno, conterrâneo ou exótico. Uma civilização sem arte estaria destituída da consciência da continuidade entre objeto e sujeito, da unidade fundamental do real. (ARGAN. 1992, p. 232)

O homem precisa da arte, mesmo que ela agora tenha significado para ela mesma.

Apesar da fragmentação do ser humano, da quebra com as antigas práticas coletivas que foram sendo substituídas pela modernidade e seu capitalismo, a arte serviu para representar a sociedade através dos conceitos desenvolvidos pelos artistas fauvistas naquela ocasião. O indivíduo (artista) expressou o que sentia em relação ao ambiente onde estava e em relação às transformações da arte. O homem moderno (especialmente o parisiense), de certa forma já conformado com as mudanças físicas e de rotina da cidade, precisava agora reconhecer que ele também havia mudado.

A solução proposta pelos artistas era de que o homem voltasse ao seu estado natural de coletividade, através do exemplo da sociedade tribal e primitiva. A arte primitiva pouco tinha a ver com “beleza”, pois era “uma arma da coletividade humana em sua luta pela sobrevivência” (FISCHER 1987, p. 45). Não era acadêmica, ou seja, não se preocupava em retratar fielmente a aparência do motivo escolhido, mas pretendia comunicar, estreitar o relacionamento entre os indivíduos. Exemplos desta arte são a pré-histórica e a tribal, difundida em exposições na Europa após o neo-colonialismo. Certamente daí surgiu em Matisse a ideia de não copiar a natureza mas captar a sua essência, mais importante do que a beleza ideal.

Entende-se que a arte Renascentista buscava o ideal de beleza pela proporção e pela simetria. Desde então os artistas tentavam captar a natureza de forma estática na busca da perfeição e do encanto. Matisse declarou que o que vemos sempre está em movimento e não há como vermos a natureza de forma rígida. Sendo assim, retratar um momento pode ser instável e inverídico. Ele preferia perder o encanto para pintar a realidade. Isso significa “demonstrar tons pesados com o foco na estabilidade da composição e na fidelidade aos sentimentos transmitidos pela natureza” (CHIPP. 1999. p. 129),

Em contrapartida às rápidas transformações da vida social no final do século XIX, essa busca do natural pode ser percebida com as tentativas de sair da desagradável rotina arquitetônica. Com a Revolução Industrial o artesanato passou por uma desvalorização em relação às mercadorias produzidas em série. Então os ingleses John Ruskin e William Morris decidiram propagar uma “reforma completa nas artes e ofícios” (GOMBRICH 1985, p. 426), que consistia no retorno aos métodos medievais de produção das artes em favor da valorização do trabalho humano com o *Arts and Crafts*.

Também temos o exemplo da *Art Nouveau*, que era uma nova proposta para a renovação da arte, já que o artesanato medieval não poderia ir adiante. Consistia na busca da

exploração de novos materiais e de novos estilos de decoração, baseada nas formas orgânicas da natureza e nos desenhos orientais. Os artistas percebiam que o mundo estava mudando e isso gerava uma grande expectativa. A máquina estava se sobressaindo, tornando o homem menos social, que passou a valorizar cada vez menos o seu próprio trabalho a favor do mercado. “O artista expressa o que percebe, e percebe o que expressa” (READ. 2000, p. 12).

“Quanto mais uma escola da história da arte avança, mais ela se deteriora” (READ. 2000, p. 11). Isso acontece porque a arte acompanha os acontecimentos da sociedade, que é a sua origem. O que se passa no ambiente interfere na vida humana, e o indivíduo sente a necessidade de expressar seus sentimentos nas artes em geral. Read faz uma citação importante sobre a renovação da arte proposta por Seurat, com a divisão dos campos de cor em pontos ou pequenas pinceladas:

A antiga linguagem da arte já não era adequada para a consciência humana: era preciso estabelecer uma nova linguagem, sílaba por sílaba, imagem por imagem, até que a arte pudesse mais uma vez ser uma necessidade social tanto quanto individual. (READ. 2000, p. 29).

A arte renascentista e seu academicismo não mais satisfazia a estética da pintura da cultura capitalista. A população já não sentia o sentimento do *fin de siècle*. As novas tecnologias (o surgimento da fotografia e a reprografia, por exemplo) propiciaram a motivação para uma nova arte. A expressão passou a ser o foco principal.

O trabalho consiste em abordar as características e a história do movimento em um capítulo e em outro apresentar o contexto histórico do surgimento do grupo.

5. Justificativa

As questões mais importante neste trabalho são: como eram os ideais fauves? Eram apenas coloristas que se propunham a radicalizar com a arte, usando as cores de forma indisciplinada? Foi uma escola de rebeldia? Por que usavam a cor com tanta violência num período aparentemente de paz e prosperidade na Europa? Por que buscaram influência na arte dos simbolistas? Eles são ou não são expressionistas? Se são, por que há tanta diferença no foco do Expressionismo alemão, que demonstra a tristeza e o sofrimento humano, e no foco do Expressionismo francês, que se concentra em retratar a alegria e a paz? O que causou o fim do movimento em tão pouco tempo?

Nas primeiras pesquisas feitas sobre o Fauvismo que foram durante o curso de graduação da autora desta monografia, uma lacuna nos detalhes das informações apresentadas foi percebida. Os dados sobre este movimento se mostraram insuficientes no sentido da localização histórica e social. Geralmente os escritores escrevem mais sobre a crítica da estética das obras realizadas (ver Gombrich, Janson, Filho, Altet) e há autores que nem citam o Fauvismo como movimento (ver Hauser e a coleção Movimentos da Arte Moderna). Quando há uma discussão específica sobre os fauves como a obra de Muller percebe-se que o autor quase não refere a relação entre o grupo e a sociedade parisiense, o que deixa o trabalho incompleto.

6. Objetivos

A proposta deste trabalho é procurar estabelecer uma relação da arte com a sociedade da passagem do século, culminada com o aparecimento da arte Fauvista. É importante destacar que os fauves não podem ser classificados como um grupo empenhado na representação pictórica da sociedade, porque eles não estavam preocupados em retratar os acontecimentos no ambiente em que viviam. A sua preocupação era apenas ter uma nova e excitante experiência com a arte. Pretende-se analisar o Fauvismo como uma arte que resultou das transformações gerais da capital francesa.

7. Conclusão

Este é uma pesquisa introdutória sobre o assunto, ainda há muito a se falar do primeiro movimento artístico do século XX e suas influências para os movimentos posteriores. Este texto é a introdução da monografia que apresentei no curso de especialização e que estou preparando para defender no mestrado.

Referências

ALTET, Xavier Barral I. História da Arte. 2ª ed. Tradução Paulo Anderson F. Dias.

Campinas, SP: Papirus, 1994. (Ofício da Arte e Forma).

ARANHA, Maria Lúcia. e MARTINS, Maria Helena. *Filosofando: Introdução à filosofia*. 2ª ed. ver. atual. São Paulo: Moderna, 1993, impresso em 1998. p. 101-2.

ARGAN, Giulio Carlo. *A Arte Como Expressão*, in: *A Arte Moderna*. Tradução de Denise Bottmann e Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1992. p. 227-262.

_____. *Arte e Crítica de Arte*. 2ª ed. Tradução Helena Gubernatis. Lisboa, Portugal: Editorial Estampa, 1995.

ARRUDA, José Jobson de Almeida e PILETTI, Nelson. *Toda a História: História Geral e História do Brasil*. São Paulo: Editora Ática, 1996.

BAUDELAIRE, Charles. “A Uma Passante” in: *As Flores do Mal*. Tradução de Ivan Nóbrega Junqueira. Editora Nova Fronteira. Rio de Janeiro, 1985. p. 344-345.

_____. *Obras Estéticas: Filosofia da Imaginação Criadora*. Tradução de Edison Darci Heldt. Petrópolis, RJ; Vozes, 1993.

_____. *Sobre a Modernidade: o Pintor da Vida Moderna*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. (Coleção Leitura).

BAZIN, Germain. *História da Arte: Da Pré-história aos Nossos Dias*. Tradução de Fernando Pernes. Lisboa; Livraria Bertrand, 1976. p. 394-399. Direitos do Brasil para a Livraria Martins Fontes Editora Ltda.

BENEVOLO, Leonardo. *História da Arquitetura Moderna*. São Paulo: Perspectiva, 1976.

BERMAN, Marshall. *Tudo Que é Sólido Desmancha No Ar: A Aventura da Modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés e Ana Amaral L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986. 18ª reimpressão, 2001.

CHIPP, Herschell Browning. *Fauvismo e Expressionismo: A intuição criadora*, in: *Teorias da*

Arte Moderna. Colaboração de Peter Selz e Joshua C. Taylor. São Paulo: Martins Fontes, 1999. p. 121-142.

COTTINGTON, David. Cubismo. Tradução Luiz Antônio Araújo. São Paulo: Cosac & Naify Edições, 1999. p. 6-7, 12-24. (Movimentos da Arte Moderna).

FILHO, Duilio Battistoni. Pequena História da Arte. 3ª ed. Campinas, SP: Papyrus Editora, 1989. p. 87-103, 105-110.

FISCHER, Ernst. A Necessidade da Arte. 9ª ed. Tradução de Leandro Konder. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1987.

FRANCASTEL, Pierre. Pintura e Sociedade. São Paulo: Martins Fontes, 1990. P. 179-244.

GOMBRICH, E. H. Em Busca de Novos Padrões: O Final do Século XIX. in: A História da Arte. 4ª ed. Traduzido por Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1985. p.172-176, 427-441, 446-455.

HAUSER, Arnold. História Social da Arte e da Literatura. Tradução Álvaro Cabral. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

HOBBSAWM, Eric. A Era das Revoluções: Europa 1789-1848. 15ª ed. Tradução Maria Tereza Lopes Teixeira e Marcos Penchel. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. (Pensamento crítico, 13).

HUISMAN, Georges Maurice (org.). Historia General del Arte. Versão espanhola de José Ballester Gozalvo. Paris-Bruxelas-Buenos Aires: Editorial Aristides Quillet, 1952. p. 220-250. Tomo IV.

JANSON, Horst Woldemar. História da Arte. 4ª ed. Tradução de J. A. Ferreira de Almeida e Maria Manuela Rocheta Santos. Colaboração de Jacinta Maria Matos. Lisboa – Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989.

LYNTON, Norbert. Arte Moderna. Tiragem Especial para distribuição da Enciclopaedia

Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1978. p. 44-48, 65, 79-80. (O Mundo da Arte).

MARTINDALE, Andrew. O Renascimento. Tiragem especial para distribuição da Enciclopaedia Britannica do Brasil Publicações Ltda, 1978. p. 8-39. (O Mundo da Arte).

MÜLLER, Joseph Émille. O Fauvismo. Traduzido por Adelaide Penha e Costa. São Paulo: Verbo, EDUSP - Ed. da Universidade de São Paulo, 1976.

PLEYNET, Marcelyn. Matisse: Luxo, calma e volúpia in: NOVAES, A.(org.). Artepensamento. São Paulo: Cia das Letras, 1994. p. 319-338.

READ, Herbert. A Arte de Agora Agora: Uma Introdução à teoria da Pintura e Escultura Modernas. 2ª ed. Tradução J. Guinsburg e Janete Meiches. São Paulo: Editora Perspectiva, 1981.

_____. Uma História da Pintura Moderna. Tradução de Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 7-66. Prefácio de Benedict Read, capítulo final de Caroline Tisdall e William Feaver. 500 ilustrações, 118 em cores.

RÉMOND, Rene. O Século XX: 1815-1914. Introdução à história de nosso tempo. 2ª ed. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. São Paulo: Ed. Cultrix, 1981. v. 2.

RIBON, Michel. A Arte e a Natureza: Ensaio e Textos. Tradução Tânia Pellegrini. Campinas, SP: Papirus, 1991. p. 69-74. (Coleção Filosofar no Presente).

RUHRBERG, Karl et al. Expression and Form: The fauves and their Classic Representative in: Art Of The 20th Century. Editado por Ingo F. Walter. Espanha: Taschen, 2000. pg. 7-60, 101-112. Benedikt Taschen Verlag GmbH. Part I

VENTURI, Lionelo. Para Compreender a Pintura: de Giotto a Chagall. Lisboa, Portugal: Editorial Estúdios Cor, 1972. p. 165-244. v. 5. (Coleção Idéias e Formas)

VICENTINO, Cláudio. História Geral. Edição atual e ampliada. São Paulo: Scipione, 1997.

WHITTFIELD, Sarah. Fauvismo, in: STANGOS, Nikos (org.). *Conceitos de Arte Moderna: com 123 ilustrações*. Tradução Álvaro Cabral; revisão técnica Reinaldo Roels. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000. p. 11-23.

Fontes da Internet

GÓMEZ, Imaculada Corcho. El Fauvismo: El protagonismo del color. H. Matisse y su papel en la pintura del siglo XX. Dufy, Derain, Vlaminck, Marquet y Kees van Dongen. La Singularidad de Rouault. La escultura. Disponível em: <<http://www.liceus.com/cgi-bin/aco/ar/05/05028.asp>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

SILVA, Elaine Cristine da. Fauvismo. Disponível em: <<http://historiartelaine.blogspot.com.br/2011/09/fauvismo.html>>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Grand Palais. Disponível em: <http://en.wikipedia.org/wiki/Grand_Palais>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Une naissance dans le scandale. Disponível em: <http://www.chez.com/alanek/VD_fau_1_F.html>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Salon d'automne de 1905. Disponível em: <http://fr.wikipedia.org/wiki/Salon_d'automne_de_1905#Les_.C5.93uvres_expos.C3.A9es_dans_la_salle_VII>. Acesso em: 24 mar. 2013.

Inimá de Paula. Disponível em: <http://enciclopedia.tiosam.com/enciclopedia/enciclopedia.asp?title=Inim%C3%A1_de_Paula>. Acesso em: 24 mar. 2013.